

Haitianos no Paraná: Distinção, integração e mobilidade

Márcio de Oliveira¹

INTRODUÇÃO

A imigração haitiana é sem dúvida a principal novidade desse início de século XXI no Brasil. Em 2010, havia 69.015 trabalhadores estrangeiros no país. Em 2014, esse número já era de 155.982, um aumento de 226%. Os imigrantes haitianos no Brasil, que eram apenas 815 em 2011, passaram para 30.484 em 2014, um aumento de 256%, bem acima do grupo que surge em segundo lugar, os colombianos, cujo aumento foi de 61% para o mesmo período, segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)². No ano de 2014, do total de 33.557 admissões no mercado de trabalho brasileiro, 17.577 eram de haitianos, de longe o grupo mais importante, bem à frente do grupo de senegaleses que apareciam em segundo lugar, com apenas 2.830 admissões, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)³. Em termos proporcionais, a República do Haiti aparecia ainda como o principal país em termos de Carteiras de Trabalho emitidas para estrangeiros entre 2010 e 2014, com 26% do total, sendo que apenas no ano de 2014, esse número foi ainda maior: 37% do total. O estado do Paraná conheceu, proporcionalmente, crescimento no número de trabalhadores estrangeiros ainda maior do que aquele observado no país como um todo. Em 2010 havia 3.660 trabalhadores estrangeiros no estado. Em 2014, esse número havia saltado para 9.731, um aumento de 265,8%. Em 2011, havia no Paraná apenas 6 haitianos com vínculo formal de trabalho. Em 2012, eram 778 em 2012, 3.221 em 2013, alcançando 6.647 em 2014, um aumento de mais de 1.774 vezes em apenas 4 anos!⁴

A presença de haitianos despertou o interesse de bom número de pesquisadores. Em suas pesquisas, esses pesquisadores passaram a examinar de perto tanto a origem desse fluxo migratório quanto as condições de vida e trabalho encontradas no Brasil, além de estudos sobre temas diversos como, por exemplo, a história do Haiti e sua relação com as potências coloniais (França e EUA), ou ainda sobre aspectos específicos da cultura haitiana, tais como as questões linguística e religiosa (VALLER FILHO, 2007; RODRIGUES, 2008; ROSA, 2010; CONTIGUIBA e PIMENTEL, 2012; 2015; CAISSE, 2012; COSTA, 2012; CAFFEU e CUTTI, 2012; LOQUIDOR, 2013; ZEFERINO, 2014; CASTRO e FERNANDES, 2014; PERES, 2015).

Esses trabalhos, embora comprovem a consolidação do campo de estudos, não o esgotam. Os dados relativos aos custos do trajeto migratório ao Brasil e o perfil socioeconômico dos migrantes residentes em diversas cidades brasileiras, segundo pesquisa coordenada por Peres (2015), indicam preliminarmente que estamos diante de grupo específico e distinto do padrão corrente da sociedade haitiana⁵. De maneira geral, apresentam grau de escolaridade e renda maior do que a média do cidadão haitiano. Contudo, não há ainda estudo específico que tenha examinado o quão distinto é esse grupo. Não há tão pouco estudo que tenha buscado relacionar as características socioeconômicas dos imigrantes haitianos ao conjunto de suas práticas sociais, tais como suas atividades de integração

1 Professor Titular de Sociologia da Universidade Federal do Paraná (Brasil). A pesquisa de campo contou com a participação dos pesquisadores Bruna Singh, Douglas Marques e Tamara Zazéra Resende.

2 Os dados estão disponíveis em www.rais.gov.br

3 Os dados estão disponíveis em www.trabalho.gov.br/delegacias/pr/cadastro-geral-de-empregados-e-desempregados-caged

4 Dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), Cadastro Anual de Empregado e Desempregado e Carteira de Trabalho em CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; TONHATI, T.; DUTRA, D. (orgs.) *A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro*. Relatório Anual 2015. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho e Previdência Social/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, Disponível em <http://acesso.mte.gov.br/obmigra/>

5 Analisamos abaixo os dados colhidos pela pesquisa nacional coordenada por Peres (2015).

(formas de organização social, lazer, práticas culturais e religiosas, etc.), ou ainda suas expectativas, seja em relação à sociedade brasileira em geral, seja em relação ao desejo de permanecer definitivamente no Brasil. O trabalho aqui apresentado tenta suprir essa lacuna, utilizando como referencial teórico, a teoria da ação proposta por Pierre Bourdieu (1930-2002). Segundo Bourdieu (1979; 2000), estruturas sociais e *habitus* (as disposições de classe) influenciam as estratégias dos atores, sejam eles migrantes ou não. É de se supor assim que tanto as práticas sociais e culturais quanto a capacidade de integração desse imigrante haitiano residindo hoje no Brasil devem revelar aspectos dessas estruturas e desses *habitus* de classe. Através da análise de um grupo de haitianos residindo no estado do Paraná, relacionamos *habitus*, estruturas e estratégias. Concretamente, procuramos identificar características econômicas e culturais distintivas, relacionando-as em seguida às práticas integradoras e às perspectivas futuras a partir de uma série de dados colhidos em entrevistas.

As análises apresentadas aqui dizem respeito à pesquisa realizada nas cidades de Curitiba e Londrina (estado do Paraná) entre os meses de julho e setembro de 2015. Foram entrevistados 33 imigrantes haitianos, sendo 24 homens e 9 mulheres, com idade média de 30 anos, entre casados e solteiros, com ou sem filhos⁶, como apresentado abaixo (quadro 1).

Quadro 1 – Haitianos entrevistados por sexo e estado civil.

Sexo	Nº	Estado Civil				Média de Idade
		Casado	Solteiro	Separado	com filhos*	
H	24	5	18	1	10	32,4
M	9	7	2	-	8	29,3
TOTAL	33	12	20	1	18	30,8

Fonte: Pesquisa de campo

*Quatro homens solteiros declararam ter filhos que ficaram no Haiti

HAITIANOS NO PARANÁ: RAÍZES

A importância atual de imigrantes no chamado *Brasil Meridional* (estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) parece resgatar o papel que essa região desempenhou na história da imigração para o Brasil⁷, como se pode ver no quadro abaixo.

Quadro 2 - População Estrangeira No Brasil Meridional (BM), 1900-1920

Ano/Estado	1900	1920
São Paulo		
População total	2.282.279	4.592.188
Pop estrangeira	529.187	833.709
Pop estrangeira/Pop total (%)	23,18	18,15
Pop estrangeira SP /Pop estrangeira Brasil (%)	41,37	52,42

6 Segundo dados da RAIS (2014), há no Paraná 6.647 trabalhadores haitianos com vínculo formal, sendo 5.298 homens e 1.349 mulheres. 5650 deles (85%) tem idade variando entre 20 e 40 anos.

7 Em 1913, o Brasil está dividido em cinco 'brasis', a saber: Brasil Setentrional, Brasil Norte-Oriental, Brasil Central, Brasil Oriental e Brasil Meridional. O estado de São Paulo fazia parte então do Brasil Meridional. Esta divisão durou até 1942, quando os antigos 'brasis' foram transformados em 7 regiões. Mas em 1970, nova mudança para as atuais 5 regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Em relação a 1913, duas grandes diferenças: a passagem do estado de São Paulo do então Brasil Meridional para a atual Região Sudeste e a passagem do estado da Bahia que estava no Brasil Oriental para a atual Região Nordeste.

Ano/Estado	1900	1920
Paraná		
População total	327.136	685.711
Pop estrangeira	45.134	63.110
Pop estrangeira/Pop total (%)	13,79	9,20
Pop estrangeira Pr /Pop estrangeira Brasil(%)	3,52	3,97
Santa Catarina		
População total	320.289	668.743
Pop estrangeira	32.146	32.138
Pop estrangeira/Pop total (%)	10,03	4,80
Pop estrangeira SC /Pop estrangeira Brasil (%)	2,51	2,02
Rio Grande do Sul		
População total	1.149.070	2.182.713
Pop estrangeira	140.854	154.623
Pop estrangeira/Pop total (%)	12,25	7,08
Pop estrangeira RS /Pop estrangeira Brasil (%)	11,01	9,72
Pop estrangeira Brasil Meridional	747.321	1.083.580
Pop estrangeira total	1.279.063	1.590.378
Pop estrangeira BM/Pop estrangeira Brasil (%)	58,41	70,13
Brasil (pop total)	17.318.556	30.635.605
Pop estrangeira Brasil/Pop total Brasil (%)	7,38	5,19

Fonte: Realizado pelo autor a partir de dados do IBGE (1900-1920).

O quadro histórico acima mostra que a população de estrangeiros em cada um dos estados da região sul era maior do que 10% da população total em 1900. Esse percentual decaiu em 1920 devido, entre outros fatores, a naturalização forçada prevista em lei⁸. Em que pese isso, a proporção de estrangeiros no Brasil Meridional cresceu nas duas primeiras décadas do século XX. Era de pouco mais de 50% do total em 1900, mas ultrapassou 70% em 1920, em uma região cuja superfície é de aproximadamente 800.000 km², ou seja, menos de 10% do território nacional. Em resumo, em 1920, 7 em cada 10 estrangeiros – cálculo que excluía filhos e netos de imigrantes e de estrangeiros naturalizados – residia em algum estado do sul do Brasil, o que permite afirmar que a imigração no Brasil foi um fenômeno bem mais regional do que se imagina.

A imigração atual, tal como a imigração histórica, não se encontra dispersa em território nacional de forma homogênea. Em 2011, 1.459.433 estrangeiros residiam no Brasil. O estado de São Paulo abrigava praticamente a metade deles, com 749.932 estrangeiros ou 51,32% desse total. O estado do Rio de Janeiro aparecia em segundo lugar, com 302.317 (20,71%) enquanto que o estado do Paraná, com 74.470 estrangeiros, surgia na terceira posição em números absolutos, com 5,1% desse total. Em sentido inverso, apenas 135.572 estrangeiros, ou 9,28%, residiam nas regiões norte e nordeste do Brasil. Ontem como hoje, a maior parte dos imigrantes concentra-se nos estados das regiões sudeste e sul, ou seja, no Brasil Meridional de outrora acrescido dos estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. Tendo em vista esses dados, seria possível comparar os atuais fluxos migratórios

8 Com efeito, a partir de 1902, o Decreto nº 904 (12/11/1902), regulamentou a naturalização dos estrangeiros. Em seu artigo primeiro, considerou brasileiros todos os nascidos no Brasil mesmo que de pais estrangeiros e, no seu artigo quarto, todos aqueles que não haviam declarado, até 24 de agosto de 1891, o “ânimo de conservar a nacionalidade de origem [...]”. Assim dispondo, esse decreto findou por naturalizar à revelia e diminuiu o número de estrangeiros no país. Ver Lotti (2001: 487-489).

ou o perfil dos atuais migrantes àqueles do passado?

Historicamente, a imigração que se dirigiu ao estado de São Paulo situa-se no interior da “crise do Brasil rural”, cujo ápice foi a substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre nas fazendas de café (MARTINS, 1973). Não obstante esse fato, ela não se limitou aos espaços rurais. Bertanha (1999), Biondi (2010) e Hall (2010) afirmam que o movimento operário brasileiro que se desenvolveu na cidade de São Paulo nas duas primeiras décadas do século XX foi claramente um produto da imigração italiana. Por outro lado, a imigração alemã, polonesa e mesmo parte da imigração italiana que se dirigiu para os outros estados do sul do Brasil não manteve relações diretas com a crise do café ou com o fim da escravidão. Italianos, alemães, espanhóis, poloneses ou ucranianos que se estabeleceram no sul do Brasil foram atraídos pela oferta de terras e pela esperança de tornarem-se proprietários rurais. Ao final dos anos 1930, os imigrantes atraídos, pelos diversos mecanismos oficiais, aqueles camponeses europeus preferencialmente católicos, ditos “brancos, camponeses e resignados”, haviam contribuído na transformação da estrutura econômica, social e fundiária desses estados, além de terem literalmente criado novos povoados urbanos ou migrado para suas capitais, como foi o caso do Paraná.

O presidente do Paraná entre 1875 e 1877, Lamenha Lins (1845-1881), estabeleceu como política de incentivo à imigração o apoio financeiro a cada imigrante, além de ter conduzido o processo de organização de diversas colônias agrícolas, nos arredores da cidade de Curitiba. Tendo por lastro experiências pouco exitosas de instalação de imigrantes em regiões distantes das áreas mais povoadas, seu objetivo foi aproximar a nova comunidade de imigrantes e sua produção dos centros consumidores, com o claro objetivo de estancar a crise alimentícia de então. Assim fazendo, conseguiu direcionar ao estado pequena parte dos grandes fluxos migratórios na virada dos séculos XIX ao XX. Até o ano de 1911, aproximadamente 83 mil imigrantes europeus adentram ao estado, instalando-se em colônias mantidas tanto pelo governo federal quanto pelo governo local, fenômeno similar ao ocorrido nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A concentração atual de estrangeiros nas regiões sul e sudeste não apresenta paralelo algum com aquela imigração histórica. Se os fatores de expulsão, hoje como ontem, continuam a explicar a saída de cidadãos de seus próprios países, a escolha do Brasil como destino migratório pouca ou nenhuma relação guarda com os fatores históricos. O Brasil não é mais um país despovoado, não padece de crise alimentícia, nem é necessariamente atrativo para imigrantes. Além disso, não há hoje nenhum tipo de estímulo (estadual ou federal) aos imigrantes. Porém, se a realidade brasileira e sua política migratória modificaram-se radicalmente em um século, o mesmo não pode ser dito do projeto que anima os imigrantes. Os haitianos entrevistados declararam de forma unânime que a emigração tem origem na situação social e econômica do Haiti assim como a imigração histórica foi provocada por fatores internos aos países europeus e asiáticos. Num e noutro caso, são os fatores de expulsão que explicam a partida.

O Haiti apresenta, ainda, um fator socioeconômico e cultural estrutural: a representação bastante disseminada no seio de sua sociedade, sobre os impasses do país em relação a seu futuro. “O Haiti é um país que anda para trás! Eu diria que todos os jovens haitianos querem sair do Haiti” (Entrevistado nº 27, Mulher, 28 anos, Ensino Médio completo, 1,5 anos no Brasil, cuidadora). “Não há perspectiva no Haiti. Queria ganhar muito dinheiro” (Entrevistado nº 26, Homem, 32 anos, Ensino Médio completo, 6 meses no Brasil, eletricitista). Além das questões cultural e econômica que se misturam, problemas de segurança pública e a instabilidade política foram também evocados como razões de partida. A destituição do presidente do Haiti, a coordenação brasileira da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH)⁹, o “visto humanitário” concedido pelo governo brasileiro (sobre o qual retornamos abaixo), a rota latino-americana que se abriu nos últimos anos (a possibilidade de migrar para Argentina ou Chile a partir do Brasil), todos esses fatores se somaram à restrição das possibilidades de emigração para a França, EUA e Canadá, fatos que também foram evocados como outras causas de partida, especialmente para o Brasil.

⁹ A MINUSTAH foi criada por Resolução do Conselho de Segurança da ONU, em fevereiro 2004, para restabelecer a segurança e normalidade institucional do país após sucessivos episódios de turbulência política e violência, que culminaram com a partida do então presidente, Jean Bertrand Aristide, para o exílio (Ministério da defesa, disponível em <http://www.defesa.gov.br/relacoes-internacionais/missoes-de-paz/o-brasil-na-minustah-haiti>. Acesso em 27/02/2016)

Resumidamente, a falta de trabalho e/ou de perspectivas futuras é a principal causa da partida. Contudo, a possibilidade de continuar estudando ou mesmo matricular-se em algum curso superior no Brasil foi declarada em diversas oportunidades, revelando, aqui também, o alto capital escolar dos entrevistados. “*Eu morava na República Dominicana há seis anos. Eu estudava [...] Eu saí porque achei que eu ia conseguir estudar, que ia ser melhor.*” (Entrevistada nº 19, Mulher, Ensino Médio incompleto, 7 meses no Brasil, faxineira). “*Eu decidi mudar porque quero outra experiência. Queria fazer um mestrado em comunicação, tudo isso.*” (Entrevistado nº 12, Homem, 27 anos, Ensino Superior completo, 1 ano e 7 meses no Brasil, garçom). De maneira geral, portanto, os entrevistados afirmaram que no Haiti há escolas, públicas ou particulares, até o Ensino Médio, mas não há garantia de bons empregos e salários condizentes para os mais escolarizados.

O impacto do terremoto¹⁰ foi importante, por vezes decisivo na decisão de migrar, mas não necessariamente o principal fator, inclusive porque ele não atingiu o país como um todo nem com a mesma intensidade. “*Lembro bem do terremoto, mas não foi a causa da migração*” (Entrevistado nº 29, Homem, 22 anos, Ensino Médio completo, 2 anos no Brasil, promotor de vendas). “*Para mim não porque venho de Gonaíves e lá o problema principal são as enchentes*” (Entrevistado nº 7, Homem, 26 anos, Ensino Médio completo, 1 ano e 2 meses no Brasil, lixador). De fato, todos os haitianos entrevistados que vieram da cidade de Gonaíves, de maneira unânime, fizeram referências às enchentes que tradicionalmente assolavam a cidade, como principal razão de partida¹¹.

A busca de trabalho e de melhores condições de vida está na origem das migrações e, em 100% dos entrevistados, é a principal razão evocada. Partir parece uma questão de tempo e de oportunidade, embora seja também uma decisão que amadurece ou que surge, como foi o caso do Brasil. Cabe entender, assim, como essa razão principal combina-se com outras, pontuais e individualmente importantes, como o incentivo de algum familiar somado à existência de recursos próprios ou familiares, o que as transforma no fator decisivo da escolha do momento da migração. “*Foi meu irmão que falou para eu vir para o Brasil. [Ele] morava nos Estados Unidos. [...] mandou dinheiro para eu vir.*” (Entrevistado nº 18, Homem, 30 anos, Ensino Médio incompleto, 1 ano 4 meses no Brasil, diarista em marmoraria). “*Era a minha vez, minha irmã mora na França, já tinha saído. Queria ir para lá, mas não deu.*” (Entrevistado nº 27, Mulher, 28 anos, Ensino Médio completo, 1,5 anos no Brasil, cuidadora).

Os dados colhidos nas entrevistas confirmam que migrar é, efetivamente, um elemento estrutural na sociedade haitiana. Trata-se, porém, de prática social que se atualiza e/ou se intensifica ao sabor de acontecimentos circunstanciais. Segundo Handerson (2015), diversos são os termos em língua *créole* para descrever todos os tipos de migrantes e suas atitudes correntes, tais como migrar para enviar recursos ao país, migrar, mas não (conseguir) enviar, migrar par retornar, etc. Em nenhum caso entrevistado, porém, o Brasil foi apresentado como o primeiro destino de migração. Por ordem de prioridade, os haitianos pensam em migrar para os Estados Unidos, para o Canadá ou para a França. A possibilidade de migrar para o Brasil surgia apenas após as frustradas tentativas de migrar para esses países. Como então surgiu o destino Brasil? “*Ouvi falar do Brasil através de amigos na República Dominicana.*” (Entrevistado nº 23, Homem, 35 anos, Ensino Fundamental completo, 1,5 anos no Brasil, pedreiro diarista). “*Eu nunca tinha pensado em vir para o Brasil, mas meu objetivo era estudar em um país de economia forte, como o Brasil, os Estados Unidos ou o Canadá.*” (Entrevistado nº 11, Homem, 29 anos, formado em direito, 2 anos no Brasil, garçom)¹². “*Porque o país dava visto e abriu suas fronteiras, permitindo o trabalho legal. Um país que dá visto de trabalho deve ser um país rico.*” (Entrevistado nº 29, Homem, 22 anos, Ensino Médio Completo, 2 anos no Brasil, promotor de vendas). “*Antes de migrar, sabia do acordo do Haiti com o Brasil, sabia que poderia ter visto, que os haitianos migram sem problemas.*” (Entrevistado nº 33, Homem, 39 anos, Ensino Médio completo, 1 ano e 3 meses no Brasil, vendedor). “*Ouvi falar de várias pessoas que o Brasil era um bom país para conseguir emprego e trabalhar.*” (Entrevistado nº 5, Homem, 47 anos,

10 O terremoto não modificou a posição dos EUA e da França, que não recusaram o status de refugiados demandado pelos haitianos, ao contrário do Brasil. De certa forma, portanto, o terremoto colocou o Brasil na rota das migrações haitianas. Ver ainda Godoy (2011), Thomaz (2013), Pinto (2014) e Zeferino (2014).

11 Como mostramos abaixo, a variedade de razões para a migração explica-se também pelo perfil socioeconômico dos entrevistados, em especial pelo alto grau de escolaridade.

12 Esse entrevistado segue o curso de Pedagogia na Universidade Federal do Paraná, recebendo ainda uma *bolsa-permanência* no valor de R\$ 400,00/mês.

Ensino Médio incompleto, 1 ano e 3 meses no Brasil, pedreiro). As respostas revelaram a importância, no projeto migratório, da educação e da riqueza presumidas do Brasil, que se somaram às condições legais oferecidas. Migrar para o Brasil parece assim ter sido uma oportunidade surgida de forma imprevista, mas que atingiu, sobretudo, indivíduos que já possuíam médio ou elevado capital cultural e/ou educacional, certo conhecimento migracional (próprio ou familiar). Esses indivíduos pensavam a migração como projeto pessoal de ascensão econômica, fato que confirma suas características de distinção social.

O incentivo legal criado pelo governo brasileiro não produziu o fluxo migratório haitiano para o Brasil, mas foi decisivo para seu crescimento, como mostram os dados apresentados na introdução desse livro. Em janeiro de 2012, através da Resolução nº 97, o Conselho Nacional de Imigração (CNIg) criou o chamado “visto humanitário”, cujo objetivo foi admitir a entrada de imigrantes haitianos no Brasil. Permitindo-lhes trabalhar legalmente, alegou-se então que o país não poderia “dar as costas” ao Haiti¹³. As razões dos imigrantes oscilaram entre o pouco conhecimento e a crença na potencialidade do país, passando pelo imprevisível jogo amistoso que a seleção brasileira de futebol disputou em Port-au-Prince, em agosto de 2004¹⁴. Tudo isso encontrou terreno fértil no estrutural desejo de progresso individual, via emigração.

A escolha de Curitiba como destino migratório ocorreu uma vez no Brasil e foi motivada pela presença de amigos ou parentes trabalhando na cidade. “*Tinha amigos que já estavam aqui, falavam que tinha emprego.*” (Entrevistado nº 25, Mulher, 36 anos, Ensino Fundamental completo, 2 anos no Brasil, cozinheira). “*Amigos disseram para ir para Curitiba.*” (Entrevistado nº 31, Homem, 39 anos, Ensino Fundamental incompleto, 1,6 anos no Brasil, empacotador). “*Havia vários membros da minha família aqui no Brasil, Curitiba. Todos falavam bem do Brasil.*” (Entrevistado nº 28, Homem, 30 anos, Ensino Médio incompleto, 2 anos e 2 meses no Brasil, desempregado).

Em alguns casos, a escolha de Curitiba foi motivada pela presença de padres ou outros representantes da Pastoral do Imigrante nas cidades de Rio Branco (AC) ou Manaus (AM), portas de entrada de muitos migrantes. Com efeito, através de contatos com outras pastorais das regiões sudeste e sul, esses representantes incentivaram a migração para o sudeste e sul do Brasil, onde, segundo eles, havia maior oferta de postos de trabalho e também onde havia sedes da pastoral do migrante às quais eles poderiam se dirigir em busca de acolhimento e ajudas diversas¹⁵. No caso de Curitiba, enfim, pesou o quase inexistente desemprego na cidade à época, impulsionado pelas obras relacionadas à Copa do Mundo e ao nível de atividades da economia local¹⁶.

Concluindo, seja na migração histórica, seja na atual, são os fatores locais de atração que direcionam o fluxo: no passado, a oferta de terras e trabalho; no presente, a crença na oferta de postos de trabalho bem remunerados e a possibilidade de estudos. O sucesso do projeto migratório, contudo, parece ser o resultado de um concurso de circunstâncias nos quais os tipos de capitais já adquiridos têm forte impacto, como veremos mais tarde.

HABILIDADES LINGUÍSTICAS E GRAU DE ESCOLARIDADE: A DISTINÇÃO

13 A validade inicial dessa resolução foi de 2 anos, mas o visto foi prorrogado por mais 12 meses ainda em 2013. A validade expirou em outubro de 2015 e o visto foi novamente renovado por mais 12 meses.

14 Esse jogo ficou conhecido como o “jogo da paz” porque deveria marcar uma grande campanha pelo desarmamento no país.

15 A Pastoral do Migrante em Curitiba, conforme verificado na pesquisa de campo, recebe diariamente em torno de duas dezenas de haitianos em busca de emprego. Concentra a maior parte de oferta de postos de trabalho, não apenas do Paraná, mas também de várias cidades de Santa Catarina. Além disso, presta serviços de assistência jurídica e atua como fiador na locação de imóveis. Conta ainda com último fator de atração de imigrantes haitianos: é coordenada por um padre haitiano.

16 Segundo dados da PNAD (continua/IBGE), no ano de 2014, a taxa de desemprego na cidade girou em torno de 3,5% enquanto que a média nacional era de 6,2%. Ao final de 2015, a taxa havia subido para 6,5% enquanto que a média nacional estava em 8,9%. A Região Metropolitana de Curitiba apresentava taxas levemente inferiores, com 3,1% em 2014 e 6,1% em 12/2015. Note-se ainda que, segundo dados do IBGE para 2013, Curitiba era a 5ª cidade mais rica do Brasil em termos absolutos e a 11ª em renda per capita.

No clássico “A Distinção”, Pierre Bourdieu (1930-2002) afirmou:

Contra a ideologia carismática segundo a qual os gostos, em matéria de cultura legítima, são considerados um dom da natureza, a observação científica mostra que as necessidades culturais são o produto da educação: a pesquisa estabelece que todas as práticas culturais (frequência dos museus, concertos, exposições, leituras, etc.) e as preferências em matéria de literatura, pintura ou música, estão estreitamente associadas ao nível de instrução (avaliado pelo diploma escolar ou pelo número de anos de estudo) e, secundariamente, à origem social¹. (BOURDIEU, 2006, p.9).

Se, como afirmou o sociólogo francês, as preferências culturais estão associadas “ao nível de instrução e à origem social”, poder-se-ia deduzir que as práticas sociais dos imigrantes haitianos no Brasil mantém correspondência com o capital escolar adquirido antes de migrar e com o perfil socioeconômico de cada um deles.¹⁷ Vejamos.

HABILIDADES LINGUÍSTICAS

A língua corrente da grande maioria da população haitiana é o *créole* (BENTOLILA, 1981; CAISSE, 2012). A totalidade da população haitiana fala *créole* enquanto que apenas os escolarizados apresentam algum grau (pequeno ou elevado) de conhecimento da língua francesa. Dados de 1981 revelam que somente de 15 a 20% da população falava o francês, o que correspondia aos indicadores de escolarização básica ou elementar, apesar do esforço realizado pela Reforma Besnard¹⁸.

O aprendizado do francês é função da permanência nos bancos escolares. Contudo, o grau de escolaridade não reflete necessariamente o grau de conhecimento da língua francesa, por duas razões. Primeiro porque a língua corrente utilizada no seio das famílias ou nas conversas informais continua sendo o *créole*. Em função da organização do sistema de ensino, falar uma segunda língua, no caso o francês, é prova quase incontestada de escolarização formal. Segundo, porque ter sido alfabetizado em francês e/ou cursado algumas séries do Ensino Médio não significa necessariamente dominá-lo. Isso depende, sobretudo, da necessidade profissional ou do interesse em realizar estudos superiores, seja no Haiti, seja em algum outro país francófono. Em resumo, embora as informações públicas no Haiti, país oficialmente bilíngue, estejam sempre escritas nas duas línguas, ao final dos ciclos escolares, o uso do francês diminui ou acaba totalmente.

O domínio do francês é tanto uma oportunidade de ascensão quanto uma forma de distinção social: abre as portas do universo escrito e da escolarização superior. De toda a imprensa haitiana, apenas dois jornais são editados em *créole*. Nas universidades, os conteúdos são dispensados em francês, assim como nas universidades francesas, que acolhem estudantes haitianos. O uso da língua francesa tornou-se mesmo um claro sinal de distinção social: “*Em nossa família, nós, os irmãos, falávamos em francês em casa para nos distinguir, em nosso bairro, mesmo que todos [no bairro] soubessem que nossa família tinha elevado grau de escolarização. Mas é melhor falar bem créole do que falar mal francês*.” (Entrevistado nº 22, Homem, 26 anos, universitário, 10 meses no Brasil, garçom). Em resumo, falar francês distingue. É o elemento que indica ascensão social e, na maior parte dos casos, econômica.

Por outro lado, o conhecimento da língua espanhola é consequência do percurso migratório: todos os que falam espanhol, além de francês e *créole*, haviam migrado para a República Dominicana (8 dentre os 10 casos observados). Enfim, o conhecimento do inglês parece igualmente funcionar como forma de distinção, como elemento de

¹⁷ É o que Bourdieu (2000: 256) chama de “Teoria da prática ou, mais exatamente, do modo de geração das práticas.”

¹⁸ Desde a Reforma Besnard, 1975-1977, o *créole* tornou oficialmente, ao lado do francês, língua de aprendizagem nos 5 primeiros anos. Contudo, 10 anos após sua implantação, 90% dos professores não compreendiam o crioulo escrito. Além disso, nas escolas, faltavam material didático de apoio, livros, etc.

empregabilidade e, eis a hipótese, como capital de mobilidade. Todos os que declaram falar inglês pretendiam inicialmente migrar para os Estados Unidos ou para o Canadá.

No universo pesquisado, afora as línguas francesa, espanhola e inglesa, excluindo desse cômputo a língua portuguesa, não houve menção a nenhuma outra língua estrangeira falada ou compreendida (Quadro 3).

Quadro 3 – Haitianos segundo a Habilidade Linguística.

Língua/ Sexo	Apenas o Créole	Cr e Fr	Cr e Esp	Cr, Fr e Esp	Cr, Fr e Ingl*	Cr, Fr, Esp e Ingl	TOTAL
H	1	9	1	7	2	4	24
M	-	6	-	3	-	-	09
TOTAL	1	15	1	10	2	4	33

Fonte: Pesquisa de campo

*Desses dois casos, um declarou ainda conhecer um pouco de latim.

Em síntese, considerando que i) 60% da população haitiana é iletrada, ii) apenas 20% das crianças em idade escolar estão efetivamente matriculadas e, iii) o ensino público atende apenas a 20% da população, o grupo pesquisado (apenas um dos entrevistados não dominava outra língua além do *créole*), pode ser considerado um grupo oriundo dos estratos mais elevados da sociedade haitiana e detentor de elevado capital escolar.

Escolaridade

O grau de escolaridade explica inteiramente o conhecimento, ainda que parcial, da língua francesa e, por vezes, o conhecimento da língua inglesa também. O caso do espanhol, como dito, é fruto de migrações anteriores. Contudo, em termos de capital escolar *stricto sensu*, encontramos grande variedade no universo pesquisado, conforme mostrado abaixo (Quadro 4).

Quadro 4 – Haitianos, segundo grau de escolaridade

Grau Escol/ Iletrado	Ensino Funda comp/ incom*	Ensino Médio Incom	Ensino Médio Compl	Ensino Médio comp + Form. Técnica	Ensino Sup. Incompl	Ensino Sup. Compl	Total
H	1	3	4	7	3**	2	24
M	-	-	3	4	1	-	09
Total	1	3	7	11	4	2	33***

Fonte: Pesquisa de campo

*Desses três casos, dois declararam ter cursado integralmente o Ensino Fundamental.

**Fizeram curso técnico no Brasil.

*** Quatro de nossos entrevistados estavam cursando o curso de português oferecido pela UFPR.

No grupo pesquisado, 22 entrevistados afirmaram ter pelo menos o Ensino Médio completo. Cinco deles concluíram o ensino superior. “100% dos haitianos que vivem em Curitiba e região são classe média”. (Entrevistado nº 22, Homem, 26 anos, universitário, 10 meses no Brasil, garçom). A afirmação parece confirmar os dados escolares e a habilidade linguística. Soa condizente também com o custo do deslocamento até o Brasil: cerca de US\$ 2 mil.

A falta de empregos no Haiti foi a resposta geral, com algumas nuances. Não há empregos no Haiti e quando há, não são bem pagos. Localmente, para sobreviver, os haitianos se valem das estratégias clássicas: pequenos trabalhos sazonais, serviços diversos, venda de artigos em lugares públicos, ajuda de parentes, etc. O tipo e nível da atividade econômica

no Haiti faz com que o projeto migratório seja considerado sempre uma possibilidade necessária. Como a grande maioria de nossos entrevistados iniciou e/ou concluiu o ciclo médio, a mais importante razão que os levaram a não prosseguir os estudos após essa fase está na falta de empregos condizentes à formação. Migrar parece ter se tornado assim uma opção que se consolida ano a ano quanto maior é o grau de escolaridade. A escolarização é um incentivo à migração e não o contrário, o que explica a perfil socioeconômico do universo pesquisado. Três haitianos, hoje regularmente matriculados nos cursos de Matemática, Administração e Direito da Universidade Federal do Paraná (UFPR), confirmaram isso. A entrada em uma universidade pública e a possibilidade eventual de obtenção de uma bolsa – em qualquer das modalidades previstas, bolsa-trabalho, bolsa-permanência, etc. – é real. Um haitiano empregado que receba ainda R\$ 400,00 por mês como bolsista não apenas se beneficia individualmente, mas envia uma mensagem extremamente positiva à comunidade: é possível estudar gratuitamente no Brasil e mesmo ser pago por isso!

Além dos cursos universitários, três outros entrevistados afirmaram ter feito cursos técnicos de curta duração no Brasil oferecidos pelo “Sistema S”, a saber: curso de porteiro (o que resultou em sua contratação como porteiro de um edifício residencial), curso de vendedor de imóveis (trabalhando como autônomo) e curso de garçom (o que também resultou em contratação, mas não em diferença salarial). Em cada um desses casos, saliente-se tanto a obtenção da informação quanto a efetiva realização dos cursos são práticas sociais que correspondem ao perfil socioeconômico elevado do universo pesquisado.

MERCADO DE TRABALHO

Comparando o perfil socioeconômico do grupo pesquisado com os dados nacionais colhidos por Peres (2015), observamos grande semelhança: 82,5% dos efetivamente pesquisados declaram 8 ou mais anos de estudo contra 87,8% em nosso universo. Isso demonstra que o universo pesquisado é coerente com o conjunto dos haitianos hoje residentes no Brasil. Demonstra ainda que, efetivamente, trata-se de grupo distinto socialmente falando. Contudo, em termos de mercado de trabalho, esse elevado capital cultural tende a não se materializar.

Quadro 5 – Haitianos empregados e desempregados

	Empregado*	Desempregado atualmente já tendo trabalhado regularmente	Total
Homem	20	4	24
Mulher	07	1	09
Total	28	5	33

Fonte: Pesquisa de campo

*No conjunto dos empregados, cinco afirmaram que estão realizando serviços temporários de forma autônoma ou em arranjos trabalhistas não declarados.

O número de haitianos atualmente desempregados foi proporcionalmente importante: cinco (15%) em um grupo de 33 indivíduos. Esse número é ainda mais elevado na pesquisa de Peres (2015): 29,7%. Todos os haitianos empregados e registrados ganham em torno de R\$ 1.000,00 líquido (R\$ 980,00 a R\$ 1.100,00), exatamente os mesmos valores da média nacional¹⁹. Há, porém, salários que variam de R\$ 700,00 por mês (portanto, inferior ao

¹⁹ Segundo dados do CAGED (2014), a média salarial dos estrangeiros no Brasil era, em 2014, de R\$ 1001,00 por mês.

mínimo regional, no caso dos diaristas sem registro legal em carteira de trabalho), até os casos da indústria onde foram declarados salários entre R\$ 1,7 mil e R\$ 2,5 mil, incluindo aí as horas-extra.

Em relação aos tipos de trabalho do grupo pesquisado por ramo de atividade, temos a situação seguinte (Quadro 6).

Quadro 6 – Haitianos empregados por ramo de atividade

Ramo de ativid.	Garçons de restaurantes	Indústria e Constr. Civil	Comércio e vendas	Serviços em geral	Total
Homem	4	8	3	6	21
Mulher	-	1	-	6	07
Total	4	9	3	12	28*
Total (%)	12,12	27,27	9,09	36,36	

Fonte: Pesquisa de campo

*Do total de 33 entrevistados, excluímos os 6 que estavam desempregados no momento da entrevista.

Em relação aos principais ramos de atividades, Peres (2015) apresenta o quadro seguinte.

Quadro 7 – Haitianos captados em pesquisa segundo o ramo de atividade no Brasil

Ramo de atividade	N	%
Indústria	24	8,6
Comércio	45	16,1
Prestação de serviços	57	20,4
Construção Civil	49	17,6
Limpeza Pública	3	1,1
Estudante	14	5,0
Desempregado	83	29,7
Não sabe/ não respondeu	4	1,4
Total	279	100

Fonte: PERES, 2015.

Assim como na pesquisa nacional, o setor de serviços (somado ao setor de limpeza pública) surge em primeiro lugar, com 21,5% na pesquisa nacional, e também em primeiro na pesquisa paranaense, com 48,48% do total de entrevistados. Em seguida, os setores da indústria e construção civil somados: 26,2% na pesquisa nacional contra 27,27% no grupo paranaense pesquisado. Nem a pesquisa nacional nem a pesquisa paranaense encontraram trabalhadores ocupando funções superiores. Segundo dados da RAIS para o ano de 2014, contudo, 0,57% dos trabalhadores com carteira registrada no Paraná (38 entre 6.647) encontravam-se distribuídos nas classificações de “dirigentes e gerentes” (11), “professores de ciências e intelectuais” (1) e “técnicos e professores de ensino médio” (26). Os trabalhadores de “apoio administrativo” somaram 6,1% (409 em 6.647) do total. Em resumo, não há correspondência entre as práticas sociais – obtenção de emprego qualificado – e o capital escolar e cultural adquirido antes da migração. Como explicar isso? O funcionamento do setor de restauração apresenta uma possível resposta ao aparente paradoxo.

Nos restaurantes de Curitiba, regra geral, os homens são garçons enquanto que as mulheres trabalham, de forma quase invisível, nas cozinhas. O trabalho de garçom é apreciado quando os patrões descobrem as habilidades linguísticas, além da pontualidade e rapidez no exercício da função²⁰. No setor da restauração, o domínio das línguas

²⁰ A pontualidade e a competência do trabalhador haitiano foram alguns dos elogios mais comuns comentados pelos empregadores durante o trabalho de campo.

francesa e/ou espanhola é um importante diferencial na qualidade do serviço prestado, e isso foi ainda mais importante durante a Copa do Mundo de Futebol de 2014. O salário fixo nesse ramo - mínimo regional da categoria - é de R\$ 1.070,33. Contudo, a partir do acordo assinado pelo sindicato da categoria no ano de 2015, os estabelecimentos ficaram desobrigados de acrescentar o percentual de 10% sobre o valor da fatura, como taxa de serviço. Conforme constatado *in loco*, alguns estabelecimentos continuaram a incluir a taxa de serviço na conta (os clientes sendo então obrigados a pagá-la), outros não. Nesse último caso, fica a critério dos clientes adicionar a taxa à fatura final. A partir dessa realidade, uma das situações encontradas foi a seguinte: “*Me chamam quando o cliente fala espanhol ou francês, ficam nervosos, mas nunca me deixam fechar a conta nem levar a máquina [para pagamento com cartão]*” (Entrevistado nº 32, Homem, 27 anos, Ensino Superior incompleto, 3 anos no Brasil, garçom). O resultado disso é que mesmo tendo atendido o cliente, o trabalhador haitiano não recebia a taxa de serviço. Em outro restaurante, o garçom nunca podia atender os clientes da parte interna (coberta), onde as contas são maiores. Nos dois casos, oscila-se entre uma forma de exploração evidente – direcionar a taxa de serviço a outro garçom – e outra forma velada, direcionar o trabalhador para o atendimento de clientes das áreas externas, onde normalmente consomem menos. Por situações como essa, em que a competência profissional conta, mas não é formal e/ou contratualmente reconhecida, o capital escolar dos imigrantes haitianos não tem se traduzido em vantagens salariais, à exceção da própria manutenção do emprego.

O perfil socioeconômico e o capital escolar dos imigrantes haitianos podem estar servindo ainda a outra finalidade. Analisando os dados do CAGED, a pesquisa realizada pelo Observatório das Migrações (Universidade de Brasília)²¹ indica que durante o ano de 2014 e primeiro semestre de 2015, “todas as Unidades da Federação apresentaram balanços positivos na admissão de imigrantes no trabalho formal em 2014, com destaque para os Estados do Sul do país” (CAVALCANTI, 2015: 142). Segundo observações durante o trabalho de campo realizado, nota-se que há menos oferta de postos de trabalho em Curitiba e região em favor de outras localidades do Paraná. Enquanto que no ano de 2014, a cidade Curitiba registrava 1.835 admissões para apenas 908 demissões, no primeiro semestre de 2015 a situação se inverteu: foram 519 admissões para 908 demissões. As ofertas de postos de trabalho diminuíram na capital e região, mas continuam ainda importantes no interior do estado, no ramo de abates de frangos e em algumas indústrias exportadoras, exatamente como mostram os dados gerais da RAIS22. Já segundo os dados do CAGED, as cidades como Cascavel no interior do Paraná contabilizam 316 admissões para 195 demissões no primeiro semestre de 2015. Isso pode estar relacionado às indústrias exportadoras (frango, móveis, etc.) que têm lucrado com a depreciação cambial. A crise econômica tem afetado desigualmente os estados brasileiros, com vantagens nítidas para os setores exportadores. Tem afetado menos os trabalhadores estrangeiros em relação aos nacionais, o que pode estar demonstrando que a qualidade (em termos de capital cultural e escolar) desse grupo contribua para manutenção de seus empregos.

INTEGRAÇÃO SOCIAL E PERSPECTIVAS FUTURAS

As imagens negativas sobre o Haiti e também sobre os próprios haitianos, veiculadas pelos meios de comunicação, em especial pela imprensa escrita (TÉLÉMAQUE, 2012)²³, são efetivamente um freio à integração social mais ampla. A inexistência de imagens positivas reduz os haitianos à condição única de “imigrantes pobres”, egressos de país mais pobre ainda. O incômodo com as imagens negativas produz dois comportamentos. De um lado, a vontade de mostrar outra realidade. De outro, a vontade de partir. No intuito de compreender as perspectivas futuras, foram analisados os elementos que revelam os processos de integração e as perspectivas futuras.

Dos 33 entrevistados, nove afirmaram que pretendem voltar, nenhum deles, contudo,

21 A esse respeito, ver dados do Observatório das Migrações Internacionais em www.acesso.mte.gov.br/obmigra/home.htm

22 Dados apresentados na primeira parte desse documento.

23 A esse respeito, ver igualmente, nas referências, Resenha da Imprensa Haitiana no Brasil.

tendo agendado uma data para tanto. A razão disso encontra-se na relação entre o preço da passagem e o salário recebido.

Quero ir embora com minha mulher, mas como comprar a passagem ganhando R\$ 1.000,00 por mês? Estou preso no Brasil. O Brasil dá prá entrar e não dá prá sair. (Entrevistado nº 23, Homem, 35 anos, Ensino Médio completo, 1,5, anos no Brasil, diarista em obra pública).

Sair, contudo, não significa necessariamente retornar ao Haiti. Migrar para o Chile surgiu como perspectiva em dois casos e três outros entrevistados afirmaram que o retorno ao Haiti seria apenas uma ponte para a migração futura rumo aos Estados Unidos. Os dados de Peres (2015) apresentam realidade semelhante, como se pode ver no quadro abaixo, onde encontramos 84,61% das respostas de mesmo tipo.

Quadro 8 - Migrantes Haitianos Captados em pesquisa de campo segundo lugar para onde pretendem se mudar

Lugar para onde pretende se mudar	N
Estados Unidos	22
Brasil	6
França	5
Canadá	4
Chile	1
Inglaterra	1
Total de casos válidos	39

Fonte: PERES, 2015.

No total de casos válidos acima, mais da metade (22 ou 56,4%) pretendem migrar para os EUA, confirmando esse país como o destino historicamente preferido dos haitianos. Migrar, como dito, apresenta-se como elemento estrutural na sociedade haitiana.

Não obstante as dificuldades e a depreciação cambial, 24 entrevistados do grupo pesquisado (72,7%) afirmaram que permanecerão no Brasil contra 15,38% na pesquisa de Peres (2015). Permanecer não significa, contudo, dizer que estão satisfeitos com o momento atual do país. Dos 33 entrevistados, ninguém convidaria ou estimularia qualquer haitiano a migrar para o Brasil. As exceções de praxe dizem respeito ao desejo de alguns em trazer filhos e/ou cônjuge. Não obstante esse tipo de avaliação, relatos esperançosos em relação à vida atual e futura foram comuns.

Saí do Haiti e vim para o Brasil para buscar melhores condições de vida. É a primeira vez que saio do Haiti. (Entrevistado nº 2, Mulher, 28 anos, Ensino Médio incompleto, 3 anos no Brasil, doméstica).

Não [quero voltar]. Quero fazer família, construir tudo e ficar aqui no Brasil com meus direitos se tudo der certo. (Entrevistado nº 4, Homem, 34 anos, Ensino Médio completo, 5 anos no Brasil, porteiro).

Quando tiver dinheiro, volto ao Haiti apenas para visitar. Gosto muito do Brasil e do povo brasileiro. Fui muito bem acolhido. (Entrevistado nº 16, Homem, 30 anos, Ensino Fundamental incompleto, 4 anos no Brasil, desempregado.)

Eu não penso em mudar agora. Não vou. Eu gosto de Londrina. Gosto daqui. (Entrevistado nº 18, Homem, 30 anos Ensino Médio incompleto, 7 meses no Brasil, diarista).

Eu vim para estudar. Voltar para o Haiti não é uma opção. Vou trazer minha família para morar em Curitiba. (Entrevistado nº 32, Homem, 27 anos, Ensino Superior incompleto, 3 anos no Brasil, garçom).

As afirmações acima traduzem a ambiguidade em experimentar uma situação difícil, mas que, comparativamente, ainda é percebida como melhor. Assim, as perspectivas futuras são positivas.

As atividades de lazer são fortes indicadores do grau de integração e de interação com membros da sociedade brasileira. Apenas dois entrevistados, ambos residentes em

Londrina, afirmaram que tem (frequentam a casa e jogam futebol com) amigos brasileiros. No geral, ter amigos brasileiros, fazer passeios ou coisas do tipo, é bastante incomum. “No Brasil não dá para fazer amigos.” (Entrevistado nº 5, Homem, 47 anos, Ensino Médio incompleto, 1 ano e 3 meses no Brasil, pedreiro). Os contatos resumem-se ao local de trabalho, embora sejam vistos como simpáticos. De forma geral, o grau de integração social é baixo e as atividades de lazer muito limitadas. O mais importante local de integração e de sociabilidade é um só: os cultos religiosos. Os dados de Peres (2015) confirmam isso, como apresentado no quadro abaixo.

Quadro 9 - Migrantes Haitianos captados em pesquisa de campo segundo atividades exercidas aos finais de semana

O QUE VOCÊ FAZ NOS FINAIS DE SEMANA?	N	%
Vai à Igreja	106	38,0
Fica em casa	104	37,3
Visita compatriotas	26	9,3
Passeia no Shopping	10	3,6
Passeia com a família	8	2,9
Vai ao cinema	2	0,7
Trabalha todos os dias	2	0,7
Outros	18	6,5
Não sabe/ não respondeu	3	1,1
Total	279	100

FONTE: PERES, 2015.

Em resumo, o grau de integração dos haitianos à sociedade brasileira é baixo. Em termos gerais, é uma aspiração que se situa ainda a meio caminho entre o desejo de ficar e à adaptação às novas práticas cotidianas, bastante mediadas pela frequência aos cultos religiosos. A relação com a comida brasileira, o tipo de música (haitiana e/ou brasileira) salva no celular, os amigos brasileiros e mesmo a sensação de ser um pouco brasileiro foram algumas das questões investigadas. De maneira geral, nos celulares, há muita música haitiana. Escutar músicas haitianas é visto, sobretudo, como ato de proximidade à cultura haitiana e aos familiares. Os dados colhidos aproximam-se da tese de Portes *et al.* (2008), segundo a qual a integração é obra da segunda geração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os haitianos gostam do excesso, dos carros grandes, dos celulares de US\$ 1.000,00. A aparência e o status tem grande papel na sociedade haitiana. (Entrevistado nº 27, Mulher, 28 anos, Ensino Médio completo, 1,5 anos no Brasil, cuidadora).

Em nossa família, nós, os irmãos, falávamos em francês em casa para nos distinguir [...]
²⁴. (Entrevistado nº 22, Homem, 26 anos, universitário, 10 meses no Brasil, garçom).

Tem-se aqui o exemplo clássico de *habitus*, tal como descrito por Bourdieu (2000). Trata-se de uma disposição que explica regularidades sociais. Os haitianos “*gostam do excesso, dos carros grandes*”. Praticam a distinção. Por isso, mesmo não sendo necessário o uso da língua francesa no ambiente doméstico, onde não há razão para distinguir-se, a língua é usada por tratar-se de um *habitus*, ou seja, de uma disposição que explica as regularidades

²⁴ Tem-se aqui o exemplo clássico de *habitus*, ou seja, uma disposição que explica regularidades sociais. Assim, mesmo não sendo necessário o uso da língua francesa no processo distintivo, ela é usada por tratar-se de um *habitus*, ou seja, uma disposição que explica as regularidades sociais. O interessante é pensar assim que, uma vez emigrado, o indivíduo continuará a seguir suas disposições e a se distinguir.

e práticas sociais. Emigrado, o indivíduo continuará a seguir suas disposições e a se distinguir. Como no novo país, os códigos de distinção não apresentam diferença em relação ao ambiente original, não apenas o uso da língua francesa surgiu mais rapidamente – muitos entrevistados apreciando exprimir-se em francês – mas também passou a existir a sensação de proximidade social e cultural que, muito provavelmente, facilitará os processos de integração.

Por outro lado, deve-se refinar a análise incorporando características próprias a um país histórica e culturalmente acostumado à emigração. “*Mesmo os ricos pensam em partir. Mentalité d'évadé, qui ne se contente pas de la réalité nationale ou de son territoire. Muitos tem dupla nacionalidade.*”²⁵ (Entrevistado nº 29, Homem, 22 anos, Ensino Médio Completo, 2 anos no Brasil, promotor de vendas). “*Minha irmã tinha emigrado para a França fazia alguns anos. [...] Como somos só nós duas, não quis deixar minha mãe sozinha. Agora há uma prima. Mas, mesmo com tristeza, minha mãe incentivou a partir.*” (Entrevistado nº 27, Mulher, 28 anos, Ensino Médio completo, 1,5 anos no Brasil, cuidadora.) Mesmo admitindo que a “mentalidade de evadido” seja corrente no seio da sociedade haitiana, apenas alguns parecem efetivamente saber como realizar essa “mentalidade”, ou seja, sabem como migrar. Aos capitais social e cultural, deve-se pensar assim num tipo **capital de mobilidade** (KULAITIS & OLIVEIRA, 2015) – pessoal ou familiar – igualmente adquirido socialmente. Os códigos distintivos facilitam à integração. Mas, caso isso não seja suficiente ou caso o indivíduo não se sinta confortável no novo país, ele pode continuar migrando. Daí a importância da dupla nacionalidade e/ou a experiência de uma migração anterior, própria ou compartilhada por um membro próximo da família, como o caso acima relatado do Entrevistado nº 27.

Na pesquisa realizada, investigamos as preferências religiosas. As filiações religiosas declaradas refletiram o mundo de crenças mais largamente aceito – catolicismo e protestantismo. Mais interessante ainda foi verificar que o voduísmo – religião legal no Haiti – não foi declarado, porque “incompreendido” fora dos círculos sociais haitianos, embora, segundo depoimentos, tratar-se de prática cultural inerente à cultura do país. Aqui, uma vez mais, a disposição adquirida funciona como possibilidade de escolha daquilo que vai ser declinado ao pesquisador e aquilo que é escrupulosamente omitido.

De maneira geral, os processos migratórios e de integração mostraram clara relação com os capitais e as disposições (*habitus*), tal como apontado por Bourdieu. Talvez seja o caso ainda de pensar na pluralidade das formas sociohistóricas do ator e da ação e nas variações individuais das disposições, como propõe Lahire (2001; 2004; 2005), para explicarmos à aparente idiosincrasia de certos percursos migratórios.

As consequências dessa migração para o Brasil são ainda difíceis de se prever. Com base na situação atual, dois cenários apresentam-se. No primeiro deles, com a volta do crescimento econômico, os trabalhadores haitianos com elevado capital cultural vão se qualificar rapidamente, lograr melhores postos de trabalho e melhores salários; eles investirão em percursos educacionais, tanto para si quanto para seus filhos, tenderão a permanecer e se integrar definitivamente, ampliando a diversidade social brasileira. O segundo cenário indica uma retomada mais lenta e instável do crescimento econômico. Se isso se confirmar, os trabalhadores mais qualificados tenderão a partir, seja para países vizinhos, seja para os países centrais, o que de fato ocorreu nos anos de 2015 e no atual de 2016, para o Chile, por exemplo²⁶. Nesse caso, apenas os últimos haitianos que chegaram, que já demonstram menor capital cultural do que aqueles da primeira leva (anos 2011-2014), permanecerão, não por vontade própria, mas por falta de condições de retorno. Seus percursos educacionais serão mais limitados, o que os aproximará dos estratos mais baixos da sociedade brasileira, reforçando estigmas preexistentes.

Nota-se enfim uma tendência a migração interna no Brasil, das grandes para as pequenas e médias cidades dos estados do sul do Brasil, onde os serviços (aluguel, transporte, saúde, escola, etc.) são mais acessíveis e baratos. Nesses outros Brasis menos violentos e difíceis do que aqueles das grandes cidades, esses migrantes internos começam a descobrir inúmeras vantagens em viver no interior e em pequenas cidades. Caso a oferta de postos

25 Em francês no original (Tradução livre: “Mentalidade de fugitivo, que não se contenta com a realidade nacional”).

26 Descobrimos recentemente que um de nossos entrevistados, então empregado em um açougue em Curitiba, encontra-se hoje no Chile. Segundo conversas mantidas com seus ex-colegas brasileiros, ele está contente com o novo país e com o melhor salário.

de trabalho volte a aumentar, o fluxo migratório haitiano retomará muito provavelmente para essas novas localidades, com benefícios tanto para os atores econômicos, quanto para as sociedades interioranas em geral, que se tornarão mais diversas. A volta do crescimento econômico beneficiará, é de se supor, os trabalhadores mais produtivos e mais qualificados. Como boa parte dos Haitianos no Brasil tem esse perfil, serão beneficiados. Isso, é claro, enquanto as condições jurídico-legais de acolhimento se mantiverem. Mas essa discussão fica para outro momento.

REFERÊNCIAS

- ACHILLE, Théodore E. *Les Haïtiens et la double nationalité*. Montréal: Editions du Marais, 2007.
- ALBA, Richard e NEE, Victor. Rethinking assimilation theory for a new Era of immigration. *International Migration Review*, v. 31, p. 826-74, 1997.
- ANGLADE, Georges. *Espace et liberté en Haïti*. Montréal: ERCE, 1982.
- AVILA, Fernando. B. de. *L'immigration au Brésil*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1956.
- AUDERBERT, Cédric. *La diaspora haïtienne: Territoires migratoires et réseaux transnationaux*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2012.
- BAENINGER, Rosana (Org.). *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas: Nepo/Unicamp, 2012.
- BASTIDE, Roger; MORIN, Françoise e RAVEAU, François. *Les Haïtiens em France*. Paris: Ed. Mouton – la Haye, 1974.
- BENTOLILA, Alain, GANI, Léon. Langues et problèmes d'éducation en Haïti. *Langages*, v. XV, n. 61, p. 117-127, 1981.
- BLANC-CHALEARD, Marie-Claude. *Histoire de l'immigration*. Paris: La Découverte. Col Repères, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *A Distinção. Crítica social do julgamento*. São Paulo: EdUSP/ZOUK, 2006.
- _____. Espaço social e gênese das classes. In: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 133-161, 2004.
- _____. *Esquisse d'une théorie de la pratique. Précédé de Trois Études d'Éthnologie Kabyle*. Genebra: Librairie Droz, 1972.
- _____. La Maison ou le monde renversé. In: BOURDIEU, Pierre. *Le sens pratique*. Paris: Éditions de Minuits, p. 441 – 459, 1980.
- _____. *Le sens pratique*. Paris : Les Éditions Minuit, 1980.
- _____. *Les Héritiers. Les étudiants et la culture*. Paris: Les Éditions Minuit, 1964.
- _____. L'illusion biographique. *Actes de la recherche en sciences sociales*. v. 62-63, p. 69-72.
- _____. *Raisons pratiques. Sur la théorie de l'action*. Paris: Éditions du Seuil, 1994.
- _____. *A produção da crença. Contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Zouk, 2002.
- BRAUM, Pedro. *Rat pa kaka: Política, desenvolvimento e violência no coração de Porto príncipe*. Tese de Programa de Pós-Graduação e Antropologia Social (MN), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.
- BRITO, Angela X. de. *Habitus de migrante: um conceito que visa captar o cotidiano dos atores*

- em mobilidade espacial. *Sociedade e Estado*, v. 25, n. 3, p. 431-464, 2010.
- BULAMAH, Rodrigo C. *O cultivo dos comuns: parentesco e práticas sociais em Milot, Haiti*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 2013.
- CAFFEU, Ana P. e CUTTI, Dirceu. Só viajar! Haitianos em São Paulo: Um primeiro e vago olhar. *Travessia. Revista do Migrante*, v. XXV, n. 70, p.107-114, 2012.
- CAISSE, Peter T. A vitalidade linguística dos crioulos do Haiti e da Luisiana: Campinas, SP, 2012.
- CÂMARA, Irene P. de L. (1998). *Em nome da democracia: a OEA e a crise haitiana – 1991-1994*. Brasília: Instituto rio Branco; Fundação Alexandre de Gusmão; Centro de Estudos Estratégicos, 1998.
- CARVALHO, José A. M. de e SALA, Gabriela A. A presença de imigrantes de países do Cone Sul no Brasil: medidas e reflexões. *Revista Brasileira de Estudos de População*. v. 25, n.2, p. 287-304, 2008.
- CASAGRANDE, Melissa M. e GEDIEL, José A. P. A migração haitiana recente para o Brasil: bases teóricas e instrumentos político-jurídicos. *Moções. Revista de Relações Internacionais da UFGD*, v. 4, n. 8, p. 97-110, 2015.
- CASTRO, Maria da C. G de e FERNANDES, Duval (coord). Projeto Estudos sobre a migração haitiano ao Brasil e diálogo bilateral, 2014. Disponível em: <http://www.migrante.org.br/index.php/migracao-haitiana2/252-projeto-estudos-sobre-a-migracao-haitiana-ao-brasil-e-dialogo-bilateral>. Acesso em: 20/07/2015.
- CHAPOULIE, Jean-Michel. *La tradition sociologique de Chicago, 1892-1961*, 2001.
- CHIARELLO, Leonir Mario (org.). *Las políticas públicas sobre migraciones y la sociedad civil en América Latina: Los casos de Argentina, Brasil, Colombia y México*. Nova York: Scalabrini International Migration Network, 2011.
- COGO, Denise. Haitianos no Brasil: Comunicação e interação em redes migratórias transnacionais. *Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicación*, n. 125, p. 23-32, 2014.
- COLLARES, Ana C. M, NORONHA, Cláudia L. A de e VILELA, Elaine M. Migrações e trabalho no Brasil. Fronteiras étnico-raciais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 30, n. 87, p. 19-43, 2015.
- CONTIGUIBA, Geraldo C. & PIMENTEL, Maria L. Deslocamento populacional contemporâneo, língua e história: uma contribuição para os estudos sobre a imigração haitiana para o Brasil. In FERNANDEZ, Vanessa P. R. & GATTAZ, André. *Imigração e imigrantes. Uma coletânea interdisciplinar*. Salvador: Editora Pontocom, p. 181-20, 2015.
- _____. Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho. *Travessia. Revista do Migrante*, v. XXV, n. 70, p.99-106, 2012.
- COSTA, Gelmino A. Haitianos em Manaus: Dois anos de imigração - e agora!. *Travessia. Revista do Migrante*, v. XXV, n. 70, p.91-97, 2012.
- COSTA-LASCAUX, Jacqueline. (1996). L'immigration, de l'exil à l'exclusion. In PAUGAN, Serge. *L'exclusion. L'état de savoirs*. Paris: Ed de la Découverte, pp. 158-171.
- DeGRAFF, Michel. *Kreyòl Ayisyen, or Haitian Creole ('Creole French')*. Disponível em <http://web.mit.edu/linguistics/people/faculty/degraff/degraff2007hc-ccs.pdf>.
- Acesso em: 09/02/ 2013.
- DERRIDA, Jacques *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.
- DE WIND, Josh e PORTES, Alejandro. A Cross-Atlantic Dialogue: The Progress of Research and Theory in the Study of International Migration. *International Migration Review*. V. 38, n. 3, p. 828-851, 2004.

- DOSSE, François. *Le pari biographique. Écrire une vie*. Paris : La Découverte, 2005.
- DOYTCHEVA, Milena. *Le Multiculturalisme*. Paris: La Découverte, 2ª ed, 2011.
- FAINSTAT, TYLER, NOAL, Débora da S. e VÉLAN, Jean-François. (2014). Nem refugiados, nem migrantes: a chegada dos Haitianos à cidade de Tabatinga (Amazonas). *Dados – Revista de Ciências Sociais*, v. 57, n. 4, p. 1007-1041, 2014.
- FERRO, Marc (org.). *O livro negro do colonialismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, pp.
- FRANGUIADAKIS, Spyros. Le réseau Tibérius Claudius à Lyon : l'obligé de l'étranger et le militantisme désincarné, In J. Ion (éd.), *L'engagement au pluriel*, Saint-Etienne, PUSE, pp. 48-66, 2001.
- FRÉTIGNÉ, Cédric. *Sociologie de l'exclusion*. Paris: L'Harmattan, 1999.
- GABEIRA, Fernando. *A parte brasileira da diáspora haitiana*. Disponível em:
<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,a-parte-brasileira-da-diaspora-haitiana,707339,0.htm>. Acesso em: 26/09/2012.
- GREEN, Nancy. O Tempo e o Estudo da Assimilação. *Revista Antropológicas*. Dossiê Imigração, n. 25, p. 23-48, 2008.
- GREEN, Nancy e WEIL, François. *Citoyenneté et émigration. Les politiques du départ*. Paris : Ed EHESS, 2006.
- HANDERSON, Joseph. *Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guina Francesa*. Tese de Doutorado. Programa de Antropologia Social (Museu Nacional). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.
- HEINE, Jorge Heine et VERLIN. Modes de gouvernement en Haïti après le séisme de 2010. *Cahiers d'Amérique Latine*, n. 75, p. 15-23, 2014.
- IDOETA, Paula Adamo. *Controle migratório de haitianos no Brasil gera debate*. São Paulo, Brasil, Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/01/120111_haitianos_imig_pai.shtm Acesso em: 04/08/2015.
- IOTTI, Luíza H. (org.) *Imigração e colonização. Legislação de 1747-1915*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado; Caxias do Sul: EDUSC, 2001.
- KOIFMAN, Fábio. *Imigrante ideal. O Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- KULAITIS, Fernando e OLIVEIRA, Márcio de. Imigrantes brasileiros no Québec: entre Integração e Mobilidade. *Sociologias*, v. 17, n. 39, p. 248-275, 2015.
- LAHIRE, Bernard. *La culture des individus. Dissonances culturelles et distinction de soi*. Paris: La Découverte, 2004.
- _____. *L'homme au pluriel. Les ressorts de l'action*. Paris: Armand Colin/Nathan, 2001.
- _____. *Portraits sociologiques, dispositions et variations individuelles*. Paris: Armand Colin, 2005.
- LEITE, Ilka B. *Negros no sul do Brasil*. Ilha de Santa Catarina: Letras contemporâneas, 1996.
- LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional*. São Paulo: UNESP, 2001.
- LOMBART, Marie, KEVIN, Pierrat e REDON, Marie. Port-au-Prince : un « projectorat » haïtien ou l'urbanisme de projets humanitaires en question. *Cahiers d'Amérique Latine*, n. 75, p. 96-123., 2014.
- LOUIDOR, Wooldy E. (2013). Uma história paradoxal. In. Haiti por si: a reconquista da independência roubada. Adriana Santiago (Org.). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.
- MACAGNO, Lorenzo. *O dilema multicultural*. Curitiba: Ed da UFPR, 2014.

- MAGUIRE, Robert. *Priorities, Alignment & Leadership: Improving United States' Aid Effectiveness in Haiti*. *Cahiers d'Amérique Latine*, n. 75, p. 59-78, 2014.
- MARTINIELLO, Marco, REA, Andrea, TIMMERMAN, Christiane e WETS, Johan (Eds.). *Nouvelles migrations et nouveaux migrants en Belgique – Nieuwe Migraties en Nieuwe Migranten in België*. Gent: Academia Press, 2010.
- MARTINS, José R. Vieira. *A diáspora haitiana: da utopia à realidade*. Foz de Iguaçu: Gráfica Grapel, 2014.
- MASSEY, Douglas S. *et al.* Theories of international migration: a review and appraisal. *Population and Development Review*, v. 19, n. 3, p. 431-466, 1993.
- MATOS, Cristina. Migrações: decisões individuais e estruturas sociais. *SOCIUS Working Papers*, ISEG, n. 5, 1993.
- MAZZELA, Sylvie. *Sociologie des Migrations*. Paris: PUF. Coll. Que sais-je?, 2014.
- MÉTRAUX, Jean-Claude. *La migration comme métaphore*. Paris: La Dispute, 2011.
- MICELI, Sérgio. Biographie et cooptation. Etat actuel des sources pour l'histoire sociale et politique des élites au Brésil. In *Cahiers du Brésil Contemporain*. Numéro organisé par Mônica R Schpun. Paris: MSH, n° 47/48, p. 9-19, 2002.
- MINCHOLA, Lui A. B e REDIN, Giuliana. Proteção dos refugiados na declaração de Cartagena de 1984: Uma análise a partir do caso dos Haitianos no Brasil. *Revista de Estudos Internacionais*, v. 4, n. 1, p. 4-30, 2013.
- MORAES, Pedro R. B. de e SOUZA, Marcilene G. Invisibilidade, preconceito e violência racial em Curitiba. *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba: n° 13, nov., p. 7-16, 1999.
- NOIRIEL, Gerard. *État, nation et immigration*. Paris : Ed Belin (Collec. Folio histoire), 2001.
- OLIVEIRA, Márcio de. A cidade de Curitiba e os imigrantes alemães durante a Primeira Guerra Mundial, uma análise da imprensa local. *Cadernos CERU*, v.23, n. 2, p.175-202, 2012.
- _____. De la Double colonisation au préjugé : Polonais dans le sud du Brésil. *Migrations Société*. v. 21, n. 123-124, p. 289-304, 2009.
- _____. A inesperada descoberta de Otávio Ianni sobre preconceito contra descendentes de imigrantes poloneses em Curitiba. *Revista Sociedade e Estado*, v. 30, n. 3, p. 799-817, 2015.
- PEDONE, Cláudia. *Cadenas y redes migratorias: propuesta metodológica para el análisis diacrónico-temporal de los procesos migratorios*. UNED – *Empiria: Revista de Metodología de Ciencias Sociales*. n. 19, p. 101-132, 2010.
- PEIXOTO, João. As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro- sociológicas. *SOCIUS Working Papers*, ISEG, n. 11, 2004.
- PERAZZO, Priscila F. *Prisioneiros da Guerra. Os « Súditos do Eixo » nos campos de concentração brasileiros (1940-1945)*. São Paulo: Humanistas/Imprensa Oficial do Estado, 2009.
- PERES, Roberta (coord.). *De norte a sul: imigração haitiana no Brasil. Diagnóstico de Pesquisa de Campo*. Campinas: NEPPO/UNICAMP, 2015.
- PINTO, Sônia R. *A Migração de Haitianos para o Brasil e Os Usos da Razão Humanitária*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Antropologia. Instituto Universitário de Lisboa, 2014.
- PIRES, Rui P. *Migrações e Integração. Teoria e aplicações à sociedade portuguesa*. Lisboa: Celta Editora, 2003.
- PONTIEUX, Sohie. *Le Capital Social*. Paris : La Découverte. Coll. Répères, 2006.
- PORTES, Alejandro. Modes of structural incorporation and present theories of labor immigration. In KRITZ, Mary M. *et al.* (Ed.). *Global Trends in Migration - Theory and Research on*

International Population Movements. New York: Center for Migration Studies, p. 279-297, 1981.

_____. Economic sociology and the sociology of immigration: a conceptual overview. In PORTES, Alejandro (Ed.). *The Economic Sociology of Immigration. Essays on Networks, Ethnicity and Entrepreneurship*. New York: Russel Sage Foundation, p. 1-41, 1995.

PORTES, Alejandro e József BÖRÖCZ. Contemporary immigration: theoretical perspectives on its determinants and modes of incorporation. *International Migration Review*, v. 28, n. 3, p. 606-630, 1989.

PORTES, Alejandro e RUMBAUT, Rubén G. *Legacies: the story of immigrant second generation*. Berkeley: University of California Press/Russel Sage Foundation, 2001.

PORTES, Alejandro *et al.* Filhos de imigrantes nos EUA hoje. *Tempo Social*. v. 20, p.13-50, 2008.

RAMOS, Jair de S. *O Ponto da Mistura: Raça, Imigração e Nação em um Debate da Década de 20*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado. Museu Nacional/UFRJ, 1994.

RAVENSTEIN, Ernest G. The laws of migration. *Journal of the Royal Statistical Society*, v. 52, part II, p. 241-301, 1889.

REA, Andrea e TRIPIER, Marise. *Sociologie de l'immigration*. Paris: La Découverte, 2003.

ROSA, Renata de M. Subjetividade e subversão do racismo: um estudo de caso sobre os haitianos na República dominicana. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana/REMHU*, Brasília, v. XVIII, n. 34, p. 99-112, 2010.

Resenha de Imprensa Haitianos no Brasil, 2010-2013. Disponível em <http://www.migrante.org.br/images/arquivos/resenha-de-imprensa-2013.pdf>. Acesso em: 10/08/2015.

RODRIGUES, Luiz C. B. *Francês, crioulo e vodu: a relação entre língua e religião no Haiti*. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

RODRIGUES, Viviane M. Migrantes haitianos no Brasil: mitos e contradições. Disponível em: http://actcientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT9/GT9_MozineRodriguezV.pdf. Acesso em: 5/03/2015.

RYGIEL, Philippe. *Le temps des migrations blanches. Migrer en occident (1840-1940)*. Paris: Aux lieux d' être, 2007.

SÁ, Patrícia R. C. de. As redes sociais de haitianos em Belo Horizonte: análise dos laços relacionais no encaminhamento e ascensão dos migrantes no mercado de trabalho. *Cadernos Observatórios das Migrações*, v. 1, n. 3, p. 99-127, 2015.

SHAMSIE, Yasmine. La construction d'un parc industriel dans l'arrière-pays rural d'Haïti. Quelques observations sur le partenariat État-société et les capacités de l'État. *Cahiers d'Amérique Latine*, n. 75, p. 79-96, 2014.

SAYAD, Abdelmalek. *L'immigration ou les paradoxes de l'alterité. L'illusion du provisoire*. Paris : Ed Raisons d' Agir, v. 1, 2006.

SEYFERTH, G. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. Rio de Janeiro: *Mana*, (3/1), p. 95-131, 1997.

SILVA, Sidney A. da. Aqui começa o Brasil: Haitianos na Tríplice Fronteira e Manaus. In SILVA, Sidney A. da (Org.). *Migrações na PanAmazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais*. São Paulo: Hucitec

Editora, p. 300 – 321, 2012.

_____. Brazil, a new Eldorado for Immigrants?: The Case of Haitians and the Brazilian Immigration Policy. *Urbanities*, v. 3, n. 2, p. 3 – 18, 2013.

SOARES, Weber. Análise de redes e os fundamentos teóricos da migração internacional. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, v. 21, n. 1, p.101-116, 2004.

- TAKEUCHI, Márcia Y. *O perigo amarelo. Imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945)*. São Paulo: Humanistas/FAPESP, 2008.
- TÉLÉMAQUE, Jenny. *Imigração haitiana na mídia brasileira: entre fatos e representações*. Monografia de Conclusão de Curso. Faculdade de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.
- THERME, Pierre. *Haiti 2003-2012 : les mouvements de contestation populaire face aux logiques de l'aide Une « interpellation plébéienne » ?*
Cahiers d'Amérique Latine, n. 75, p. 125-146, 2014.
- THOMAZ, Diana. *Migração haitiana para o Brasil pós-terremoto: indefinição normativa e implicações políticas*. *Primeiros Estudos - Revista de Graduação em Ciências Sociais*, 4, p. 131-143, 2013.
- TODD, Emmanuel. *Le destin des immigrés. Assimilation et ségrégation dans les démocraties occidentales*. Paris : Ed du Seuil, 1994.
- TOURAINÉ, Alain. *Pourrions-nous vivre ensemble? Égaux et différents*. Paris: Fayard, 1997.
- TURNER, Terence. *Anthropology and Multiculturalism: What is anthropology that multiculturalists should be mindful of it?* *Cultural Anthropology*. v. 8, n. 4, p. 411-429, 1993.
- VALLER FILHO, Wladimir. *O Brasil e a crise haitiana: a cooperação técnica como instrumento de solidariedade e de ação diplomática*. Brasília: FUNAG, 2007.
- VERLIN, Jan. *Háiti, État failli, État (à)reconstruire*. *Cahiers d'Amérique Latine*, n. 75, p. 25-40, 2014.
- VIEIRA, Rosa. *Itinerâncias e governo: a mobilidade haitiana no Brasil*. Dissertação de Mestrado, IFCS. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.
- WENDER, Catherine W. de. *La question migratoire au XXIe siècle*. Paris: SciencesPo Les Presses. 2ª ed, 2013.
- ZEFERINO, Marco A. P. *Os Haitianos à luz do Direito Internacional dos Direitos Humanos e da Soberania Estatal: deslocados ou refugiados ambientais?* Dissertação de Mestrado, Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), 2014.